
Da cidade de Simmel a uma sociologia vinda dos dias na cidade

Alexandre Pólvora

É talvez acreditando em Lewis Coser ao expressar que se "*present-day sociology possesses technological means and a conceptual apparatus far superior that available in Simmel's day (...) only fools would contend that he is therefore dépassé*" (COSER, 1977:215) que se afirma como talvez em Georg Simmel se possam e devam estabelecer algumas das mais significativas linhas de distanciamento face às conceptualizações estaticamente objectivistas que se admitiram como dominantes nos principais eixos do moderno pensamento sociológico que pelas primeiras vezes caminhou sobre a cidade. E conseqüentemente se procura defender através de um aproveitamento de algumas das bases presentes nas reflexões simmelianas sobre as cidades ou em muitas destas mesmas reflexões sobre o conhecimento sociológico, como se poderão encontrar as bases para a construção de uma sociologia que se envolva numa ultrapassagem etimologicamente radical das muitas bases teóricas e epistemológicas por onde os diversos fenómenos urbanos assistiram a fechamentos analíticos e foram sendo racionalmente cosidos a malhas simplificadas de compreensão científica sobre o mundo das coisas e dos indivíduos.

Aceitando que talvez isso se possa assistir sobre algumas das observações predominantemente macroscópicas conduzidas por Karl Marx ou Max Weber acerca do mundo urbano, enquanto se reconhece como as reflexões simmelianas também se encontram com a cidade enquanto produto das forças históricas que estruturaram o mundo moderno mas não a estabelecem como mero reflexo das contradições dialécticas nas esferas económicas e políticas das sociedades humanas, ou das mudanças cronologicamente enunciáveis nos sistemas de racionalidade que orientam a acção dos indivíduos e seus grupos. Que talvez isso se possa mesmo notar sobre as principais reflexões conduzidas por Émile Durkheim acerca das cidades, enquanto se constata que se Simmel também considera os efeitos da divisão social do trabalho nos processos de individualização inerentes ao cruzamento urbano de círculos sociais ou à distinção económica e histórica da cidade moderna face a outras formas de aglomeração humana, em si estes nunca adquirem as centralidades empíricas ou teóricas que positivamente lhes foram atribuídas por Durkheim. Ou ainda que isso se possa mesmo operar sobre algumas das grandes linhas de investigação posteriormente desenvolvidas em Chicago sob a orientação de Robert Park, posto que estas se desenvolveram através de parcelizações disciplinares e empiricismos etnográficos que ainda se afirmam como principais responsáveis pelo lançamento de modelismos operatórios e sistémicos no seio do pensamento social sobre as cidades, e enquanto se permite deambular por entre os lugares urbanos Georg Simmel não parece andar à procura de construir um quadro analítico que se encontre maioritariamente orientado para criação de corpos operacionalizáveis ou para a obtenção de um conhecimento unificador e objectivista sobre as realidades urbanas

Mas aceitando sobretudo que em Georg Simmel talvez se possam estabelecer algumas das mais significativas linhas de distanciamento face a conceptualizações que efectivamente se admitiram como dominantes na construção do moderno pensamento sociológico sobre a cidade, assumindo que enquanto as suas reflexões sobre as formas e a cultura urbana enunciam as cidades enquanto objectos de estudos primordiais para entender o mundo das coisas modernas, nelas também se encontra uma noção de cidade que nos denuncia a existência de lugares quotidianamente imersos em significados sociológicos onde um olhar aparentemente fenomenológico se poderá propor a deambular em busca dos mais diversos questionamentos e conhecimentos. Observando sobretudo como por entre as mais diversas e dispersas *vidas-urbanas-de-todos-os-dias* Simmel parece encontrar muitas das coisas que se desenredam e descortinam para além do que usualmente se consegue ou pretende alcançar ao abrigo racionalismos cartesianos em que aparentemente tudo se limita ao enquadrável e mensurável do que objectivamente se pode conceptualizar onde se procura esquecer a possibilidade de que "*o pensamento da ciência – pensamento de sobrevoos, pensamento do objecto em geral – se coloque num aí prévio, 'in locus', sobre o solo do mundo sensível*" (MERLEAU-PONTY, 2000:15).

Reconhecendo e apreciando que aqui também existe uma possibilidade para a construção de uma determinada interpretação e compreensão sociológica das cidades, que procurando um distanciamento da predominância analítica desempenhada por linhas predominantemente demonstrativas e operatórias sobre a base dos entendimentos sociológicos sobre o urbano, se pode dispor a não obliterar muitas das reflexões que em direcção às cidades compreendem a importância de caminhar sobre muitas das suas estruturais e assim assistir a presença das grandes configurações históricas, económicas e sociotécnicas onde o urbano se encontra com os seus lugares de origem. Assegurando então uma sociologia que mesmo vinda dos dias nunca se deve ou pode esquecer da importância que a cidade assume como espaço primordial para entendimentos alargados quanto às configurações civilizacionais do mundo moderno passado, presente ou futuro, e nesse sentido aposta também em reflexões significativamente próximas ao urbano como "*magnet, container, and transformer, in modern culture*" (MUMFORD, 1991:601).

E compreendendo ainda muitos dos caminhos por onde se poderá construir uma sociologia que deambulando por entre a vida prática desenrolada pelos indivíduos sobre as cidades não se escusa a alcançar quer as minimalidades que continuamente a concretizam, quer as engrenagens de uma modernidade urbana que nas fugacidades e transitoriedades desta mesma vida prática se sentem e se mostram. Enquanto se encontra com um ponto de partida para que deambulando por entre o movimento e os ritmos quotidianos do mundo urbano se aperceba como a vida nas cidades pode não ser esmagada por uma qualquer visão operatória do conhecimento aí adquirido e assim alcance que "*en faisant de la création un mode de connaissance indissolublement lié à la vie des hommes dans leurs espaces réels, on définit le rôle d'une sociologie de la connaissance appliquée à la création imaginaire et qui ne se perde point dans le sacré, l'économique ou le politique, autant de manières d'escamoter l'expérience et la pratique*" (DUVIGNAUD, 1979:196).

Procurando sublinhar a enunciação simmeliana de que em cada detalhe da realidade social poderá ser possível encontrar a génese da estrutura que a sustém e assim desenvolvendo uma determinada concordância com Henri Lefévre quando afirma que "*tratando-se do quotidiano, trata-se, pois, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que engendra a quotidaneidade*" (LEFÉVRE, 1969:43). Para uma sociologia que considere não apenas algumas conceptualizações do quotidiano urbano enquanto produto residual que aparentemente não marca a sua visibilidade no social, mas que também se posicione para uma conceptualização desse mesmo quotidiano enquanto dinâmica central para um entendimento das constantes estruturações a que a realidade social se encontra sujeita. Acreditando efectivamente que o delimitar de fronteiras entre marcações analíticas possibilitou todo um conjunto de descontinuidades quanto às possibilidades e níveis de entendimento sobre o urbano que importa acima de tudo evitar e até mesmo criticar.

E apontando inerentemente para a construção de um conhecimento que pelo seu posicionamento distanciado face a muitas das descontinuidades que aparentemente se originam nas bases que dominam os enquadramentos para o estudo sociológico da cidade moderna, consegue enunciar a sua concordância com Edward Soja, quando este refere que "*for too often the views from above and below have been defined as separate and competitive empirical and interpretative domains rather than interactive and complementary moments in our understanding of urbanism*" (SOJA, 2001:10). Procurando sobretudo uma sociologia que vinda dos dias na cidade possa nunca se encontrar dependente de estáticos esquemas de observação e assim aceite as diversidades e contradições existentes em qualquer tentativa de compreensão sociológica para orientar um amplo espaço de trabalho composto pelos mais "*diferentes ângulos de observação, para se aproximar de uma realidade que se assemelha a um poliedro, com muitas arestas e pontos focais, em função de diferentes interesses teóricos e empíricos*" (PAIS, 2002:48).

Sobrepondo não apenas níveis de análise e questionamentos teóricos mas também assumindo que o que à partida poderá parecer incomparável e não compreensível pelo mesmo trilho se poderá tornar simultaneamente enquadrável num mesmo conhecimento através da expressão de uma "*particular kind of ethnography that is places, rather than place focused. [a]n ethnography of complex connections, itself, that becomes the means of producing a narrative that is both macro and micro, and neither one particular. [s]ome sort of ethnographic practice of research and writing that portrays chunks, crosssections bits in its simultaneity and intimacy*" (MARCUS, 1998:50). E afirmando uma proposta de reflexão sociológica sobre o urbano que assim se

possa radicar em algumas das mais significativas lógicas etnográficas de apreensão e descoberta enquanto observa, escuta, saboreia, conversa, cheira, toca, e sente algumas das mais diversas realidades que pelo quotidiano as formas urbanas de aglomeração humana podem subjectivamente oferecer.

Reconhecendo sempre que se a cidade se apresenta predominantemente quanto a uma sua omnipresença como forma territorial e cultural de aglomeração humana enquanto se constitui como um dos terrenos por onde a realidade quotidiana é vivida. E sobretudo não esquecendo como ao afirmar a pretensão de uma sociologia que da cidade de Simmel se quereria construir vinda dos dias, não se poderá esquecer da importância de sublinhar Walter Benjamin quanto à possibilidade de orientar um conhecimento fortemente conectado à experiência subjectiva de quem numa cidade deambula e nesse sentido deve assimilar as suas palavras ao afirmar que “*quem sobrevoa, vê apenas como a estrada atravessa a paisagem e, para si, ela desenrola-se segundo as mesmas leis que a paisagem envolvente. [s] ó quem caminha pela estrada experimenta o seu poder e o modo como ela, em vez de ser a paisagem que para o aviador se desenrolava como uma planície, a cada curva faz sobressair zonas desconhecidas, clareiras, perspectivas*” (BENJAMIN, 1992:43).

Bibliografia citada:

- BENJAMIN, Walter – (1992) *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900*; Relógio D'Água Editores, Lisboa;
- COSER, Lewis – (1977) *Masters of Sociological Thought*; 2ª ed., Harcourt Publishers, Nova York;
- DUVIGNAUD, Jean – (1979) *Sociologie de la connaissance*; Payot, Paris;
- MARCUS, George E. – (1998) *Ethnography Trough Thick & Thin*; Princeton University Press, Princeton;
- MERLEAU-PONTY, Maurice – (2000) *O Olho e o Espírito*; 3ª ed., Ed. Vega, Lisboa;
- MUMFORD, Lewis – (1991) *The City in History: Its Origins, its Transformations and its Prospects*; Penguin Books, Harmondsworth;
- PAIS, José Machado – (2002) *Sociologia da Vida Quotidiana*; ICS/Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa;
- SOJA, Edward, W. – (2001) *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*; Blackwell Publishers, Massachussets;